



## Aberto para a criatividade

POR COLABORAJAZZ | 04/05/2026

*Tárik de Souza conta como Ricardo Bacelar, com Maracanós, faz rebrilhar os lendários Airto Moreira e Flora Purim*

Para ser lido ao som de [Airto Moreira em Maracanós](#)



Foto: Reprodução

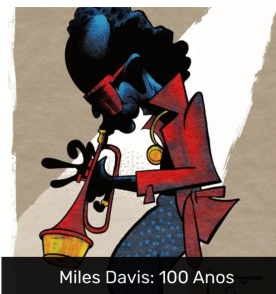
O papa da percussão multi timbrística está de volta. Aos 84 anos, o catarinense de Itaiópolis Airto (Guimorvan) Moreira ressurge em álbum inédito, *Maracanós* (Jasmin Music), gravado em parceria com o multiinstrumentista (e dono do selo) Ricardo Bacelar, cearense de Fortaleza. A mulher de Airto, a carioca Flora Purim, também de 84, eleita a melhor cantora de jazz por quatro anos seguidos (1974-1977) pela crítica americana, indicada a três prêmios Grammy (ganhou dois em discos alheios) participa de uma das faixas. O álbum faz parte de um projeto de resgate da dupla central, que hoje vive no Retiro dos Artistas, no Rio, e engloba ainda um filme dirigido por Jom Tob Azulay (de *Os Doços Bárbaros*, com Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Caetano Veloso) sob o curioso título de *Pecados de um Casamento*. Ele documenta as gravações e convivência de Flora e Airto com Bacelar no estúdio deste em Fortaleza, que ainda resultou num outro disco, a ser lançado junto com a estreia do longa. Seu aperitivo, *Aqui Oh!*, de Toninho Horta e Fernando Brant, foi lançado em single, em setembro do ano passado.

O trio de músicos tem currículos bem diversificados. Ricardo Bacelar (1977/1967), que já produziu em seu bunker, no estúdio/selo Jasmin, gravações memoráveis de artistas como Roberto Menescal, Leila Pinheiro, Fagner, Toninho Horta, Jaques Morelenbaum, Gilberto Gil, Amelinha, Flávio Venturini, Délia Fischer, Belchior e Ednardo começou no BRock. Aos 17 anos, passou a integrar o grupo Hanoi-Hanoi, e tornou-se sócio de um de seus protagonistas, Arnaldo Brandão, num estúdio que produzia trilhas para teatro, cinema e jingles. Também atuou na gravadora GPA Music como engenheiro de som, músico e arranjador, e desenvolveu uma carreira solo com discos como *In Natura*, *Concerto para Moviola*, *Sebastiana*, *Congênito*, *Andar com Gil*, *Nós* e *o Mar*. Em paralelo, formou-se advogado, especializando-se nas áreas de Direito Empresarial e Propriedade Intelectual, além de ser Consul Honorário da Bélgica, desde 2018.

Filha de um violinista russo e uma pianista amadora pernambucana, Flora Purim estreou em disco, aos 22 anos, na seara incendiária do samba jazz, com produção, coordenação musical e bateria de Dom Um Romão, seu marido na época. *Flora é MPM*, com arranjos dos luminares Osmar Milito, Dom Salvador e maestro Cipó, investia numa sigla ("Música Popular Moderna") inventada pelo crítico Sylvio Tulio Cardoso, logo substituída por MPB, o recheio do disco. Ele trazia parte da trilha do musical *Pobre Menina Rica* de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, lançada naquele mesmo ano (*Sabe Você, Maria Moita*, *Primavera*, *Samba do Carioca*), composições do então novato Edu Lobo



### ARTEJAZZ



Miles Davis: 100 Anos



### COLABORAJAZZ

...

Alexandre Moschini

Ana Lúcia Bizinover

Ana Maria Bahiana

André de Godoy Vieira

Antônio Carlos Miguel

beбето alves

Bethania Flach

Bruce Henri

Carlos Badia

Cássia Zanon

Cláudia Beylouni Santos

Cristiano Bastos

Cynthia Flach

Daiisson Flach

Daniel Kondo

Daniel Rodrigues

Daniel Soares

Ed Motta

Eduardo Osório Rodrigues

Emílio Pacheco

Eric Nepomuceno

Fabiano Canosa

(Definitivamente, Borandá, Reza, com Ruy Guerra), da dupla Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli (*A Morte de um Deus de Sal e Nem o Mar Sabia*) e até o hit *Hava Nagila*, em hebraico, por conta de sua origem judia.

Em 1967, ela mudou-se para a Califórnia, onde foi estudar música, e quatro anos depois participava do disco da big band do extraordinário arranjador Gil Evans, *Where Flamingo Fly*. Com seu novo marido Aírto Moreira, gravou, também em 1971, *Seeds on the Ground*. Eles integraram o grupo Return to Forever, potentado do jazz fusion, ao lado do tecladista Chick Corea, do baixista Stanley Clarke e de Joe Farrell (sax/flauta), de álbuns como o que levou o nome do grupo, em 1972 e *Light as a Feather* (1973). Neste mesmo ano, a cantora estreou solo em *Butterfly Dreams*, com o qual foi premiada pela primeira vez como melhor cantora de jazz pela revista Down Beat. Após ter sido detida sob a acusação de porte e consumo de drogas, Flora cumpriu pena de 18 meses, a partir de 1974.

Com Aírto, gravou os discos *Humble People* e *The Magicians* indicados ao Prêmio Grammy, tal como ocorreu com *If You Will*, em que comemorou 80 anos, em 2022. Ao longo da carreira atuou com ases como Carlos Santana, Dizzy Gillespie, Hermeto Pascoal, Joe Sample, Gary Brown, Jovino dos Santos, Duke Pearson e José Neto. Em sua extensa discografia destacam-se também *Speed of Light* (com a filha Diana Purim Moreira), *The Colours of Life*, *Perpetual Emotion*, *Flora Purim Sings Milton Nascimento*, *Wings of Imagination*, *Stories to Tell*, *Speak no Evil*, *Three-Way Mirror* (com Joe Farrell), *Samba de Flora e Florás Song*.

Na cidade paranaense de Ponta Grossa, Aírto aprendeu teoria musical, canto, piano, violino e bândolim. Mas foi estreitar como baterista embarcado no bôldo do samba jazz paulistano Sambalanço Trio (que além dos próprios discos gravou com Raul de Souza e Lennie Dale), ao lado de Cesar Camargo Mariano (piano) e Humberto Clayber (baixo). Com a saída de Cesar, Hermeto Pascoal tomou seu lugar no grupo, que virou o Sambrasa Trio. Hermeto (flauta, piano) e Aírto (percussão) partiram para uma nova formação ao lado de Théo de Barros (violão, baixo) e Heraldo do Monte (viola caipira, violão), o revolucionário Quarteto Novo, que lançou um único disco, reconhecido como obra prima, em 1967. O grupo destacou-se nos festivais acompanhando Geraldo Vandré (*Disparada*, parceria dele com Theo), e *Ponteio* (Edu Lobo/ Capinam). Aírto já experimentava sua fórmula de diversidade timbrística na percussão, com chocalhos, berimbau, vários tipos de tambores até uma xeixada de burro.

O precursor deste tipo de investigação timbrística foi o percussionista e inventor de instrumentos carioca Pedro dos Santos (1919-1993), o Pedro Sorongo, cujo nome artístico deriva do ritmo criado por ele, entre o samba e o batuque. Elza Soares gravou seu *Eu Quero É Sorongar*, Angela Maria, *Ritmo Gostoso*, e Baden Powell *Sorongão*. Além do berimbau (berimbau de boca) foi um dos criadores. ao lado do futuro baterista do grupo, Helcio Milito, do tambor de bambu, a tamba, que deu nome ao Tamba Trio. Seu único LP solo, produzido por Milito em 1968, *Krishnanda*, de 1968, virou ultracult. Mas embora ele tenha participado do clássico *Rhythm of the Saints*, de Paul Simon, em 1990, foi Aírto quem projetou a percussão multitimbrística em nível internacional, seguido pelo pernambucano Juvenal de Hollanda Vasconcellos, o Nanã Vasconcellos. Por causa da atuação de Aírto, em projéteis de longo alcance como *Bitches Brew*, do revolucionário impenitente do jazz Miles Davis, a revista especializada Down Beat abriu uma categoria específica para a percussão.

Além do supracitado grupo Return to Forever, com Chick Corea, e dos vários discos que dividiu com Flora (como o agraciado com o Grammy, *Planet Drum*, liderado pelo percussionista do lendário Grateful Dead, Mickey Hart), Aírto atuou com Carlos Santana (*Borboleta*, 1973) Eumir Deodato (*In Concert*, 1974), Al Di Meola (*Soaring Though a Dream*, 1985) e Jaco Pastorius (*Punk Jazz*, 2003). E mais: Keith Jarrett, Dave Holland, Jack DeJohnette, John Mc Laughlin, Joe Zawinul, Stan Getz e George Benson. "O fato de eu ter tocado com esses gigantes é um sinal de que sempre estive aberto para a criatividade", observa Aírto no texto de apresentação do novo disco.

Na sua extensa cartela de solos cintilam entre outros títulos, *Seeds on the Ground – The Natural Sound of Aírto*, *Natural Feelings*, *Free*, *Fingers*, *Identity*, *Promises of the Sun*, *I'm Fine*, *How Are You?*, *Touching You*, *Touching Me*, *Missa espiritual – Aírto's Brazilian Mass*, *Live at Ronnie Scott's Club*, *Live in South Africa*, 1993, *Last Journey e Encounters of the Fourth World* (todos com o grupo Fourth World), *Killer Bees* (com The Gods of Jazz), *Struck by Lightning*, *Viva Aírto! Fotografia Sonora*.

Com lançamento previsto também para os mercados de Estados Unidos, Portugal, França, Alemanha, China e Japão, *Maracanós* chega às plataformas no mês em que Aírto é homenageado com o NEA Jazz Masters Fellowship, concedido pela National Endowment for the Arts, o mais alto reconhecimento oficial dedicado ao jazz nos EUA. O álbum viaja por vários quadrantes estéticos. "Quis prestigiar a liberdade e a experimentação muito presentes na música de Aírto e Flora. Fiz uma fusão de música acústica com percussões, cordas, texturas eletrônicas, conferindo originalidade e um caráter bastante imersivo ao disco, que foge do modelo comercial comum na indústria da música hoje em dia", disserta Bachelar. O roteiro (oito faixas, todas parcerias de Bachelar e Aírto) abre com o conveniente *Pé no Chão*, de ritmo agalopado, que pode ser interpretado como um xaxado frenético, adensado pelas cordas do Kalimera Quartet (Luís de Castro e Tomás Soares, violinos, Daniel Albuquerque, viola e Daniel Silva, cello), com arranjos de Liduíno Pitombeira, membro da Academia Brasileira de Música. Há ainda sobrevoos de flautas de Marcio Resende, pontuação de baixo acústico de Nelio Costa, pulsações intensas da bateria de Pantico Rocha e a percussão flutuante de Hoto Junior e o próprio Aírto.

Única faixa com letra (e também um parceiro a mais, Luís Lima Verde), a contraritmada *Mestre Novo da Guiné* ("aprendi com meu avô/ liberdade não tem cor (...) / a lúna anunciou/ Oxalá me põe de pé/ Iemanjá me batizou/ na luz de Oxumaré") retumba nos couros. É atravessada pelos sopros de Márcio Resende (saxofone e flauta) e guitarras de Sérgio Casabianca. Desde multilíngua, seu vocal (sem

Fabiano Maciel

Felipe Pimentel

Felipe Vieira

Gilmar Fraga

Guillermo Piernes

Hector Aguilera

Hugo Sukman

Itamar Alves

James Liberato

João Carlos Rodrigues

João Maldonado

José Antônio Severo

joyce moreno

Juan Esteves

Juarez Fonseca

Juliano Fontanive Dupont

Luciano Leães

Lucio Brancato

Luis Fernando Verissimo

Luiz Reni Marques

Marcelo Corsetti

Marco Poli

Marcos Abreu

Marcus Veras de Faria

Maria Duhá-Klinger

Maria Lucia Rangel

Mario Sergio Conti

Márcio Pinheiro

Moa Gutterres

Norberto Flach

Olívio Petít

Pablo Fabián

Paulinho Lima

Péricles Cavalcanti

Pedro Gonzaga

Pedro Só

Rafael Ferrão López

Raul Krebs

resenhe (saxes soprano e tenor) e guitarra de Stenio Gonçalves, Bacelar multiplica-se no vocal (com Maria e Sara Bacelar e Eliel Ferreira), mais piano acústico, Fender Rhodes, órgão Hammond, teclados, guitarra, samples e sintetizadores. Em sua única aparição, Flora Purim empresta a voz instrumento à climática e espacial *Voo da Tarde*, sob teclados semoventes e sopros cambiantes. Ao contrário do que poderia prometer o título, derivativo do folguedo do folclore, *Bumbo Meu Boi* tem condução suave, com direito a delicada pontuação de clap (Alex Reis) e Airto à frente da bateria, seu instrumento primal.

A faixa título, *Maracanós* é outra emoldurada pelas cordas do Kalimera Quartet, numa linha mais onírica, alinhavada por flauta e piano, que borda o final com sutileza. Uma batida de fundo, ecoante, cadencia o desenrolar épico de *Submersivos*, que Bacelar pincela com o timbre opaco de uma ocarina. Já em *3 Minutos de Paz*, aberta por sons sombrios, dialogam apenas Bacelar, a bordo de teclados, samples e efeitos, e Airto, na percussão e melismas vocais. Vale lembrar que, como cantor Airto venceu o Festival de MPB, de 1966, da finada TV Excelsior, em duo com a cantora paulistana Tuca, engatando a marcha rancho *Porta Estandarte*, de Geraldo Vandré e Fernando Lona. Airto elogia o estúdio da Jasmim onde gravaram: "Pude usar bastante a minha voz também. Às vezes canto quando não estou tocando, por alguns segundos. Para mim foi assim como uma cama na qual pude me deitar, criar e descansar ao mesmo tempo".

Na faixa final, *Pau Rolou* ("caiu/ foi na mata/ ninguém viu"), de entonação nordestina, cerzida pelo berimbau do percussionista que usou cuíca num disco de Miles Davis, Airto canta bem mais que alguns segundos, a plenos pulmões o mote central. Exibe o destemor que o levou tão alto no pódio dos grandes músicos brasileiros de todos os tempos. "Você tem que confiar nos seus instintos musicais para criar sem atrapalhar ninguém ou se atrapalhar. Sempre confiei nos meus desde criança", pregou ele.

PUBLICADO EM TÁRIK DE SOUZA · MARCADO AIRTO MOREIRA, ÁLBUM, CRÍTICA, DISCO, FLORA PURIM

## ANTERIOR

O Quinteto

## AVANÇAR

Quando eles se encontraram

## 2 PENSAMENTOS



José Miguel  
05/05/2026 às 16:57

Bela resenha. Informação importante sobre Airto e Flora, tão fundamentais na musicografia universal.

PS: Seria "Quarteto Novo" ao invés de "Quinteto Violado" ?

REPLY



Antonio Carlos Miguel  
11/05/2026 às 08:51

Como Zé Miguel comentou, pequeno lapso de Tárík, que, obviamente, se referia ao QUARTETO NOVO.

REPLY

## Deixe um comentário

Escreva um Comentário

Comentário

Reinaldo Figueiredo

Ricardo Chaves

Roberto Callage

Roberto Jardim

Roberto Muggiati

Roberto Negreiros

rodrigo nassif

Rodrigo Vizzotto

Sérgio Augusto

Sérgio Roveri

Tárík de Souza

Zuza Homem de Mello

## SUCESSOJAZZ



Hermeto sem fronteiras

Mentiras sinceras do inesquecível Ezequiel Neves



O blues de Cabo Verde

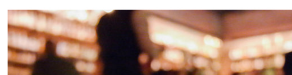


Novos clássicos: Senhorinha

## NEWSJAZZ

[Assine nossa newsletter e receba as novidades da Amajazz no seu e-mail](#)

## 100 ANOS DE MINGUS



## @AMAJAZZ

### TAGS

AGENDA	AMAJAZZ4ANOS	
ANIVERSÁRIO	BILLIE HOLIDAY	
BLUE NOTE	BOSSA NOVA	
CHARLES MINGUS	CINEMA	DISCO



Um brinde a Mingus



DISCOS

DIZZY GILLESPIE

DUKE ELLINGTON

ENTREVISTA

FALAJAZZ

FESTIVAL

FOTOGRAFIA

HERMETO PASCOAL

ILUSTRAÇÃO

JAZZ

JOHN COLTRANE

JOÃO DONATO

JOÃO GILBERTO

LISTA

LIVRO

MEMÓRIA

MILES DAVIS

MPB

NOVA YORK

OBITUÁRIO

PIANO

PORTO ALEGRE

RIO DE JANEIRO

RON CARTER

SAXOFONE

SHOW

SONNY ROLLINS

THELONIOUS MONK

TOM JOBIM

TROMPETE

VIOLÃO